

6. Conclusão

Principiamos nosso percurso abordando a descoberta das *Anékdota*, no século XVII e, a partir daí, tentamos acompanhar as diversas opiniões que o texto inédito de Procópio recebeu. Essa primeira parte não nos remeteu propriamente à temporalidade na qual o texto procopiano foi elaborado, mas sim às maneiras como este foi apreendido e interpretado ao longo dos séculos até os nossos dias.

Vimos, logo em seguida, a conceitualização de Antiguidade Tardia, período de mudanças — quando o analisamos inserido entre o seu passado e o seu futuro —, mas que se afigura também como período de confrontos, aquele do crepúsculo do paganismo e da ascensão do cristianismo. A Antiguidade Tardia é, por tal, época de especial interesse, pois é o momento em que se operam modificações profundas na maneira de sentir e de se expressar, em suma, na forma como aqueles homens e mulheres, que circundavam então a Bacia do Mediterrâneo, viam a vida. Abordar a Antiguidade Tardia nos interessou, pois inscrevemos as *Anékdota* como uma obra eminentemente tardo antiga. Detivemos nosso olhar, com mais apuro e vagar, no Império Romano do Oriente, durante o século VI, visto que foi nessa circunscrição espacial e temporal que viveu Procópio de Cesareia. Aí buscamos entender a época histórica na qual o historiador de Cesareia formou-se enquanto *homo historicus*, autor de um texto que dialoga, cria, funda e refunda com e na sua própria temporalidade.

Em um terceiro momento, dando continuidade ao nosso percurso, recorrermos às ideias de dois críticos literários. Auxiliados pelos conceitos de Auerbach e Bakhtin, buscamos discernir traços de uma estilística cristã que perpassa o texto das *Anékdota*. Como pudemos ver, Auerbach, em seus livros *Mimesis* e *Ensaio de Literatura Ocidental*, defende a ideia de uma tradição judaica e, sobretudo, cristã de representação da realidade. O crítico alemão contrapõe esta à outra grande tradição formadora da cultura ocidental, a greco-romana. Segundo Auerbach, a percepção greco-romana dá preferência a painéis descritivos nítidos, à representação de personagens solidamente estáticas e à tendência para a separação mais rígida de temática — sendo os temas escolhidos conforme o gênero que é trabalhado. Em contraponto, a tradição judaico-cristã

não demonstra a mesma necessidade de detalhismo, representa de preferência personagens que são maleavelmente constituídos ao sabor de suas experiências pessoais, que proveem de diferentes extrações sociais, além de não possuir uma valoração temática consoante ao gênero. A partir dessa análise de Auerbach, foi possível identificar como Procópio compartilha desse modo de representação da realidade cristã, ao mesmo tempo em que o insere em um gênero eminentemente clássico, a História.

Foi possível igualmente mostrar como o *Satíricon* de Petronio possui pontos em comum com as *Anékdota*, mas, por outro lado, afasta-se destas quanto aos propósitos do autor, pois o *Satíricon* é um texto satírico e as *Anékdota* um texto historiográfico. É exatamente a questão da separação de temas que os diferencia, ao *Satíricon*, como um texto que objetiva incitar o escárnio, cabe abordar temas e personagens menos “nobres”, entretanto, no que concerne às *Anékdota* essa correlação desfaz-se. As *Anékdota* sem nenhum constrangimento nos falam de mulheres devassas e de origem popular que chegaram a usufruir do mais alto status imperial, nos fala de homens que submeteram as razões de estado aos seus mais comecinhos e pessoais interesses. Todas as cores da realidade são tratadas nesse texto de Procópio, cenas que, segundo os padrões clássicos seriam convenientes somente aos gêneros cômicos, são descritas aqui no mais solene dos espaços, a corte de Constantinopla, a alta cúpula do poder imperial.

A comparação entre os dois textos levou-nos à Comédia Menipeia e, por conseguinte, a análise que Bakhtin tece sobre esta mais especificamente e sobre o sério-cômico como um todo.

Na quarta e última parte, chegamos ao cerne de nossa questão, ler as *Anékdota* como um documento que expressa de forma exemplar a mundividência da Antiguidade Tardia, um texto que conjuga a tradição clássica na sua forma a uma interpretação cristã da vida e dos homens. E, sem sombra de dúvida, é à quarta parte que esta conclusão nos remete mais diretamente. Em nosso caso, ousaríamos dizer que, no final das contas, a “Conclusão” há de ser percebida mais como uma continuação do capítulo do que uma parte integral. Continuação que aqui se separa, sobretudo, por imposições de ordem formal. E acreditamos que abordar as razões que nos levaram a intitular esta tese de *A História em*

Desconcerto: as Anékdota de Procópio de Cesareia e a Antiguidade Tardia é uma forma eloquente e eficaz de abordarmos o cerne de nossas indagações.

Como explicamos, na já longínqua introdução desta tese, o título “A História em Desconcerto” possui duas camadas semânticas: a primeira, de apreensão mais imediata, remete-nos ao fato de um historiador que desconstrói, ele mesmo, a sua história: o contraste desconcertante entre a personagem histórica oficial da História das Guerras, a idealização incensória e hiperbólica do imperador construtor com aquela do “príncipe dos demônios”, que faz o mal simplesmente pelo prazer de fazê-lo, figura que irrompe o palco da escrita da história nas *Anékdota* beirando a comicidade.

Mas há uma segunda e mais profunda camada semântica. A história que estaria em desconcerto é a história clássica, a história tucidideana por excelência. Parece que estamos diante de um paradoxo, pois Procópio tem Tucídides por modelo, mas ao mesmo tempo, o conteúdo, as imagens e a estrutura das *Anékdota* parecem se afastar desse ideal principalmente tucidideano. Entramos assim na segunda camada semântica do nosso título. A História que aqui se desconcerta é justamente esse paradigma da História Clássica. As bases de uma mundividência parecem aflorar nas *Anékdota*. Ao escrever um livro que pretende destruir a memória de Justiniano, Procópio deve recorrer a uma série de figuras e imagens que se remetem diretamente ao mais fundo da mentalidade e do espírito das gentes de seus tempo. Procópio, mais do que nunca, deseja ser lido, quer convencer. Não tenta mais construir uma história oficial dentro de paradigmas que o engessem a seu relato. Ele precisa convencer, tocar diretamente o seu público leitor em potencial, mexer com as referências, com as crenças e com as sensibilidades daqueles que um dia o lerão. É por isso que as *Anékdota* configuram-se como um excelente documento para compreendermos não só as afluências entre a historiografia clássica e o cristianismo, mas também que nos leva a refletir sobre os aportes trazidos pelo cristianismo.

Toda crítica é uma excelente forma de acesso ao mundo daquele que emite a crítica. Denunciar é também dizer os valores sobre os quais repousam a nossa visão de mundo. Por que voltar a atenção para “x” e não para “y”? Por que denunciar e criticar alguém e não outrem? É porque consideramos o alvo de nossa

crítica, de algum modo, mau — independente do grau, da intensidade e da importância com que criticamos — e nada mais revelador do nosso universo de valores do que discernir entre o bem e o mal. Quando Procópio de Cesareia escreveu as *Anékdota* tinha em mente possíveis leitores, o que ele deixa explícito nas primeiras linhas de seu livro. Não saberíamos precisar a qual classe social mais especificamente intencionava atingir, quando o texto viesse a público após a sua morte. Mas, seguramente, denunciou e construiu seus argumentos persuasivos a partir das referências que conhecia, a partir de seu universo de valores. Empregou em sua escrita aquilo que acreditava que calaria fundo no espírito de seus possíveis e futuros leitores. Exemplifiquemos com exemplos livres, não necessariamente voltados para as *Anékdota*: acusar que alguém não possui origens nobres só surtirá efeito em uma sociedade que preze os valores aristocráticos, assim como acusar alguém de poligamia só fará sentido em uma sociedade que preze os valores da monogamia. Quando Procópio de Cesareia recorre à imagem do demônio, podemos supor que o recurso a tal imagem fazia sentido em sua sociedade. É através desse jogo inverso que fomos levados a perceber os valores que estavam em jogo na sociedade em Procópio redigiu seus textos. E concluímos que eram valores que se relacionavam eminentemente com o cristianismo. Toda sociedade possui seus parâmetros críticos e seu repertório de imagens — não menos reveladoras dessa mesma sociedade — que são empregados quando denúncias, críticas e invectivas são tecidas, pois eles são a expressão dos valores e da mundividência mais profunda de qualquer grupo humano. Ousaríamos dizer que, direta ou indiretamente, os ecos desses parâmetros e imagens das *Anékdota* ainda se fazem sentir em nossa sociedade atual, talvez seja por isso que refletir sobre as *Anékdota* é refletir sobre um mundo distante, mas paradoxalmente tão próximo, e de mesmos.

Para findar, permitimo-nos fazer uma breve consideração a respeito da palavra conclusão; esta transmite, muitas vezes, um sentido pretensioso, ainda mais quando aplicada a uma pesquisa histórica. Sua etimologia ajuda-nos a compreender porque tal sentido pode frequentemente vir às nossas mentes. A palavra “conclusão” tem sua origem no latim “*conclusio*, *conclusionis*,” isto é, “reclusão”, “clausura”, “encerramento”. Assim sendo, uma “conclusão” pode ser percebida como algo que “fecha” o debate sobre determinado tema. Ora, a

vitalidade da História reside justamente na constante interpretação dos documentos. Então, entendamos aqui “conclusão” não no sentido de “clausura”, de algo que possui a pretensão de “encerrar” determinada questão, mas sim como um encerramento meramente espacial, ou seja, o fim das folhas que são o suporte material desta pesquisa. Um fim que tem plena consciência da sua incapacidade de “fechar” as leituras que podem nascer de um documento. E, se, por ventura, algum dia, estas linhas incitarem futuras pesquisas — não encerrarem, mas sim abrirem novos caminhos de leitura e novos horizontes de reflexão sobre as *Anékdota* — seguramente, terão cumprido plenamente o seu propósito. Se assim for, ainda que estejamos conscientes da sua inevitável condição provisória, terão elas, de algum modo, continuado pelo campo das ideias.